



“PIRRALHADA AQUI RESISTE”: RESSONÂNCIAS DA EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS E JOVENS EM UM BLOCO CARNAVALESKO

“Pirralhada here resist”: resonances of the experience of children and young people in a carnival block

“Pirralhada aquí resiste”: resonancias de la experiencia de niños y jóvenes en un bloque de carnaval

Yasmin Marçal Porto 
Universidade Federal de São Paulo. Santos,
São Paulo, Brasil.

Beatriz Rocha Moura 
Universidade Federal de São Carlos. São
Carlos, São Paulo, Brasil.

Flávia Liberman 
Universidade Federal de São Paulo. Santos,
São Paulo, Brasil.

Porto, Y. M., Moura, B. R., & Liberman, F. (2021). “Pirralhada aqui resiste”: ressonâncias da experiência de crianças e jovens em um bloco carnavalesco. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 3(5), 285-305. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto41849

Resumo

Introdução: A atividade é conhecida como ferramenta potente de ação da terapia ocupacional ligada ao lúdico, ao corpo, às artes, ao cuidado com o cotidiano e a produção cultural. O Instituto Camará Calunga, responsável pela coordenação do Bloco EURECA propõe atividades na perspectiva de promover e defender os direitos das crianças e adolescentes no município de São Vicente. **Objetivo:** investigar os processos de invisibilização e visibilização presentes no cotidiano das infâncias e juventudes a partir da experiência do bloco carnavalesco EURECA. **Método:** Foi realizada observação participante durante o processo de formação do EURECA, elaboração de diários de campo, além de uma entrevista semi-estruturada com um dos participantes do bloco. **Resultados e Discussão:** O campo de pesquisa possibilitou olhar para os eixos interseccionais de opressão que atravessam o cotidiano das crianças e jovens que compõem o bloco carnavalesco, assim como reconhecer a potência dessa experiência para expressão e luta pelos direitos das crianças e adolescentes. Por meio de uma luta lúdica, crianças e jovens ocupam as ruas da orla de São Vicente, mostrando que a “quebrada tá presente”, mobilizando a população pelo reconhecimento de seus direitos. **Considerações Finais:** Percebe-se o EURECA como ação artística e cultural potente de luta e resistência diante das impotências geradas por um sistema discriminatório de opressão e ocultadas no cotidiano das crianças e adolescentes. Em todo o processo e apresentação do bloco no espaço público, fica evidente o protagonismo das crianças e jovens como sujeitos políticos e multiplicadores de práticas emancipatórias, tal como proposto pelo bloco.

Palavras-Chave: Terapia Ocupacional. Direitos Humanos. Criança. Adolescente. Arte

Abstract

Introduction: The activity is known as a potent action tool for occupational therapy linked to playfulness, the body, the arts, daily care and cultural production. The Camará Calunga Institute, responsible for coordinating the EURECA Block - “I recognize the Statute of Children and Adolescents” proposes activities with a view to promoting and defending the rights of children and adolescents in the municipality of São Vicente. **Objective:** to investigate the processes of invisibility and visibility presents in the daily lives of children and youths from the experience of the EURECA carnival block. **Method:** Participant observation was carried out during the formation process of EURECA, preparation of field diaries, in addition to a semi-structured interview with one of the participants in the block. **Results and Discussion:** The research field made it possible to look at the intersectional axes of oppression crossing the daily lives of children and young people who make up the carnival block, as to recognize the power of this experience for expression and struggle for the rights of children and adolescents. Through a playful struggle, children and young people occupy the streets on the edge of São Vicente, showing that the “Quebrada is present” and mobilizing the collective to recognize their rights. **Final Considerations:** EURECA is perceived as a potent artistic and cultural action of struggle and resistance in the face of impotences generated by a discriminatory system of oppression and hidden in the daily lives of children and adolescents. In the whole process and presentation of the bloc in the public space, the role of children and young people as political subjects and multipliers of emancipatory practices is evident, as proposed by EURECA.

Keywords: Occupational Therapy. Human Rights. Child. Adolescent. Art

Resumen

Introducción: La actividad es conocida como una potente herramienta de acción para la terapia ocupacional vinculada al juego, el cuerpo, las artes, el cuidado diario y la producción cultural. El Instituto Camará Calunga, encargado de coordinar el Bloque EURECA - "Reconozco el Estatuto de Niñez y Adolescencia" propone actividades con miras a promover y defender los derechos de la niñez y adolescencia en el municipio de São Vicente. **Objetivo:** investigar los procesos de invisibilidad y visibilidad presentes en la vida cotidiana de niños y jóvenes a partir de la experiencia del bloque de carnaval EURECA. **Método:** Se realizó observación participante durante el proceso de formación de EURECA, elaboración de diarios de campo y entrevista semiestructurada con uno de los participantes del bloque. **Resultados y Discusión:** El campo de investigación permitió ver los ejes transversales de opresión que atraviesan la vida cotidiana de los niños y jóvenes que componen el bloque carnavalesco, así como el poder de esta experiencia para la expresión y lucha por los derechos de la niñez y la adolescencia. A través de una lucha lúdica, los niños y jóvenes ocupan las calles en el borde de São Vicente, mostrando que la "Quebrada está presente" y movilizándolo al colectivo para reconocer sus derechos. **Consideraciones finales:** EURECA se percibe como una potente acción artística y cultural de lucha y resistencia frente a las impotencias generadas por un sistema discriminatorio de opresión y ocultas en la vida cotidiana de niños, niñas y adolescentes. En todo el proceso y presentación del bloque en el espacio público se evidencia el papel de la niñez y la juventud como sujetos políticos y multiplicadores de prácticas emancipadoras, como propone EURECA.

Palabras Clave: Terapia Ocupacional. Derechos Humanos. Niño. Adolescente. Arte

1. Introdução

A atividade é conhecida como ferramenta potente de ação da Terapia Ocupacional ligada ao lúdico, ao corpo, às artes, ao cuidado com o cotidiano e a produção cultural. Estas atividades são exemplos de ações que potencializam a vida, promovem transformações e produzem valor (Lima, 2018).

A arte também se faz presente em desfiles de carnavais através do seu enredo, das danças, da música e da teatralidade, a fim de dar visibilidade a história, reafirmar desejos e manifestar-se frente a alguma problemática relevante a um grupo e/ou comunidade. O carnaval é um ritual que muitas vezes tem assumido uma função de arma lúdica de luta, a adesão ritual-lúdica das pessoas e a inversão do seu papel em foliões proporcionada pelo carnaval, contribui para potencializar um protesto político, que traz à tona os conflitos sociais (Tavares & Veloso, 2016).

Um desfile carnavalesco permite que cenas cotidianas de seus participantes sejam expressas e amplamente compartilhadas. Apesar do carnaval suspender a vida cotidiana, ou seja, aquilo que é rotineiro, este evento pode se configurar como uma via de resistência e possibilidade de transformação da realidade social. Para Pais et al. (2017), olhar para a vida cotidiana significa olhar e captar o que se oculta no que é visível. Sendo assim, o carnaval, trazendo à tona cenas rotineiras ou questões que atravessam o cotidiano de populações vulneráveis, torna visível e pode provocar reflexão e maior acuidade do olhar para tais problemáticas.

A pesquisa aqui apresentada teve como cenário de investigação o Instituto Camará Calunga, que coordena o Bloco carnavalesco EURECA - Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente em São Vicente, litoral sul de São Paulo. Todo o processo de construção, organização e problematização gerado

nos encontros realizados, culminaram na apresentação do bloco na rua com as presenças brincantes de seus participantes. O bloco se mostrou um potente lócus para a manifestação e a afirmação dos direitos da população infantojuvenil que apesar de plural é submetida a uma série de opressões e violências em seus cotidianos.

Reconhecer que as infâncias e juventudes são plurais é considerar que os eixos de subordinação atravessam de forma complexa a vida de crianças e adolescentes em seus diferentes contextos sociais e culturais produzindo processos de invisibilização e desqualificação destas vidas. Creshaw (2002) ao apresentar o conceito de interseccionalidade auxilia a compreensão das consequências estruturais e relacionais entre dois ou mais eixos de subordinação, como o patriarcalismo, o racismo, o adultocentrismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios que criam desigualdades básicas e definem posições relativas de etnias, gênero, raças, classes, faixa etária e outras.

Os eixos de intersecção são gerados a partir das práticas hegemônicas, discriminatórias, opressivas e afetam diretamente o cotidiano de crianças e adolescentes, principalmente em suas dificuldades de acesso aos direitos, como educação, saúde e lazer, prejudicando seu pleno desenvolvimento. A lógica dessa hegemonia é considerada como a única possível, gerando uma desigualdade estrutural que mutila as muitas possibilidades de criação de conhecimento devido a desqualificação de outros modos de pensar e agir que não fazem parte dessa hegemonia (Oliveira & Sgarbi, 2008).

Oliveira e Sgarbi (2008) articulam o cotidiano com a sociologia das ausências de Santos (2002). Este autor propõe reconhecer os saberes não-hegemônicos capazes de construir práticas emancipatórias reais nos múltiplos cotidianos de vida das pessoas. Para isso é necessário considerar os múltiplos "presentes" tornados invisíveis em virtude do não reconhecimento de sua validade por padrões hegemônicos que exploram, discriminam e dominam com base em diferenças étnicas, geracionais, de gênero, entre outros.

Pais (1993) define cotidiano como o que se passa todos os dias quando nada se passa. Para ele, "o que se passa" refere-se a rotina que oculta aquilo que não se torna visível. Já "o nada se passa" é uma brecha para encontrar as condições e possibilidades de estratégias de resistência daquilo que está invisível, como as potencialidades e as problemáticas que acontecem no cotidiano.

Assim, a invisibilidade é uma condição daquilo que não é ou pode ser visível, já a desinvisibilidade seria um processo de tornar a condição daquilo que é invisível em visível, trazendo à tona os modos de superação dos pensamentos dominantes.

Galheigo (2020) complementa apontando o conceito de cotidiano como o espaço-tempo em que sujeitos, individuais ou coletivos, acessam as oportunidades e recursos disponíveis para enfrentar inúmeros desafios, buscando construir estratégias de resistência e novos modos de ser, estar, viver e fazer.

O cotidiano se torna assim os cotidianos, assim como as infâncias e as juventudes, que são plurais e diversas, vividas em contextos diferentes a partir de suas singularidades. Logo, é no cotidiano que as

experiências e a vida acontecem. É no dia a dia, que somos convocados a enxergar a discriminação, os preconceitos e as injustiças. Entretanto, é nele também que há espaço para as delicadezas, para as trocas, para a construção de afetos e manifestação das problemáticas e desafios principalmente das populações que se encontram em situações de desigualdade e vulnerabilidade.

O objetivo da pesquisa, portanto, foi investigar os processos de invisibilização e visibilização presentes no cotidiano das infâncias e juventudes a partir da experiência do bloco carnavalesco EURECA.

2. Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo exploratório, dado que esta pesquisa tem por objetivo conhecer o objeto de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto em que está inserido (Piovesan & Temporini, 1995).

O método utilizado neste estudo foi a observação participante, uma técnica que valoriza a interação social, a partir da integração do pesquisador com o grupo, possibilitando compreender os sujeitos sociais e a realidade que os cercam, captar os conflitos e tensões existentes, identificar a sensibilidade, os desejos e as ideias verbalizados por eles (Queiroz et al., 2007).

A pesquisa foi feita em diferentes etapas da construção do bloco EURECA que desfila pelas ruas de São Vicente desde 2006, com a coordenação feita pelo Instituto Camará Calunga. Este Instituto foi criado em 1997 como um centro de pesquisa e apoio à infância e adolescência e tem como missão institucional a promoção, inclusão e defesa dos direitos humanos, principalmente das crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, além de promover a capacitação profissional de jovens para se tornarem multiplicadores em seus territórios (Instituto Camará Calunga, 2020).

O Bloco EURECA é uma das ações desenvolvidas por educadores do Projeto Meninos e Meninas de Rua de São Bernardo do Campo/SP desde 1991. O primeiro desfile foi realizado em 1992, com o intuito de divulgar e mobilizar em um formato lúdico o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para a sociedade civil e poder público (Fernandes, 2016). O ECA é regulamentado pela lei federal nº 8069 de 1990, que garante proteção integral a crianças e adolescentes, considerando-os sujeitos de direitos (Lei 8069, 1990).

O EURECA é reconhecido como a maior mobilização permanente pelos direitos da criança e do adolescente, composto por crianças, adolescentes, jovens, familiares, educadores sociais e comunidade em geral (Fernandes, 2016).

O ECA é base para os sambas-enredos do bloco, bem como discussões sobre problemáticas que atravessam crianças e adolescentes que compõem o grupo. O samba-enredo é a ferramenta para transmitir a mensagem das crianças e adolescentes. O enredo, construído coletivamente, representa as

situações vividas pelo público infantojuvenil nos âmbitos local/regional, nacional e internacional (Instituto Camará Calunga, 2020).

Os campos de pesquisa aconteceram durante os ensaios do grupo percussivo e nas assembleias em uma Escola Municipal do bairro Quarentenário, além do barracão realizado na sede do Instituto Camará e por fim na participação nos desfiles do EURECA.

Foram realizados 17 encontros que objetivaram uma aproximação, formação de vínculo com os participantes e educadores e acompanhamento do período de construção do EURECA 2020, cujo enredo foi “Como vocês se atrevem?": Apagar minha história, limitar minha memória, massacrar nossa nação”.

Durante a assembleia do Quarentenário, foi feito um convite aberto às crianças e jovens do bloco para participar desta pesquisa.

Os encontros tiveram o intuito de vivenciar a experiência carnavalesca a partir da observação participante no processo de formação do Bloco EURECA, nos ensaios do grupo percussivo e nos eventos realizados, com intuito de possibilitar interação social e contato mais direto com a realidade do grupo. Também foram realizados registros fotográficos desses processos e uma entrevista semiestruturada com um dos participantes.

Ao final dos encontros foram elaborados diários de campo contendo notas intensivas e descritivas, já que “para melhor perceber o outro, é preciso perceber-se a si mesmo na situação” (Henz & Casetto, 2013, p. 288). As notas intensivas expõem os sentimentos, as sensações, dificuldades e especulações ocorridas, enquanto as notas descritivas contêm as informações sobre as características da pessoa e do local e o que foi observado durante o encontro (Henz & Casetto, 2013).

Por fim, foi realizada uma entrevista semiestruturada com um participante do bloco via plataforma virtual. A entrevista semiestruturada possibilita uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, pois quanto menos estruturada a entrevista for, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes (Boni & Quaresma, 2005). Para manter a fidedignidade do que foi falado durante a entrevista, a conversa foi gravada com a autorização do entrevistado.

O critério de participação, referiu-se a jovens que tivessem um vínculo com a instituição, além da disponibilidade em participar do estudo. Vale ressaltar que, no momento da coleta de dados, atravessamos o período de pandemia e pela dificuldade de acesso aos jovens, foi possível o contato virtual via plataforma digital com um dos participantes do bloco, que se disponibilizou a realizar a entrevista mesmo que à distância. A entrevista foi feita com um jovem de 21 anos que participa das atividades do Instituto Camará Calunga desde 2009. A escolha deste participante ocorreu pela sua disponibilidade, acesso a ferramenta virtual e principalmente pelo seu histórico de participação no bloco carnavalesco iniciado quando tinha apenas 10 anos.

Para análise de dados a entrevista foi transcrita e posteriormente foi feita uma leitura exaustiva da transcrição e dos relatos escritos nos diários de campo. Os dados obtidos através dos diários de campo e da entrevista semiestruturada foram analisados por meio da etapa de Categorização da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Foram utilizadas categorias a posteriori, encontradas a partir da coleta de dados. A Análise de Conteúdo pode ser realizada em diferentes formas de comunicação e discursos com o objetivo de sistematizar e descrever os conteúdos, possibilitando a compreensão das características, estruturas ou modelos que compõem o conteúdo manifesto (Bardin, 2016).

A pesquisa realizou todos os procedimentos éticos previstos, com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, parecer nº 3620480, e autorização do Instituto Camará para o desenvolvimento da pesquisa no local. Também foi realizado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto ao participante entrevistado.

3. Resultados e discussão

A partir da coleta de dados foram definidas duas categorias: I) Processos de invisibilização e II) Processos de desinvisibilização presentes no cotidiano das crianças e jovens.

Para Oliveira e Sgarbi (2008), o cotidiano contribui para práticas emancipatórias e para as possibilidades efetivas de ação dos diferentes sujeitos sociais em diferentes circunstâncias. Desta forma, este estudo teve a intenção de compreender como o processo de formação do bloco carnavalesco EURECA produz uma via de desinvisibilização no cotidiano, configurando-se como uma prática emancipatória, que reconhece as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

Os processos de invisibilização são construídos por eixos de interseccionalidade que se fazem presentes no cotidiano das crianças e adolescentes participantes do EURECA, e determinam modos de olhar os corpos e as experiências vividas por eles. Observou-se a intersecção de todos os eixos, com destaque ao adultocentrismo e ao racismo. Observou-se o quanto crianças e jovens, devido sua faixa etária, estão sob o domínio do adulto, logo se tornam os mais vulneráveis a todo tipo de violação dos seus direitos, enquanto o racismo se apresenta como justificativa para o extermínio da infância e juventude negra.

Já o processo de desinvisibilização nos põe diante das potências que estão presentes no cotidiano de crianças e jovens para além das marcas interseccionais. Observou-se a importância da arte e da cultura como meio de ocupar os espaços públicos, da rede apoio sustentada pelos afetos, do território vivo e de um lugar de escuta ativo promotor de transformações nas relações com as infâncias e juventudes periféricas, buscando o reconhecimento de crianças e jovens como sujeitos políticos para construir uma potente luta lúdica e coletiva em defesa dos seus direitos.

Para fins de análise foram definidas estas categorias separadamente, porém ressalta-se a indissociabilidade e o mútuo atravessamento entre os processos de invisibilização e desinvisibilização.

O processo formativo do bloco carnavalesco é composto por atividades e assembleias comunitárias realizadas ao longo do ano pelo Instituto Camará com o intuito das crianças e adolescentes se apropriarem dos seus direitos e discutir temáticas que repercutem no seu cotidiano. A partir dessas atividades surgem possibilidades de temas para a construção do enredo do bloco carnavalesco. No final do ano, crianças, adolescentes, educadores entre outras pessoas com interesses na luta pelos direitos se unem para alinhar o tema e compor o samba-enredo, formando uma rede e dando início a construção do desfile de 2020, que resultou no enredo: "Como vocês se atrevem": apagar minha história, limitar minha memória, massacrar nossa nação.

Após a escolha, começaram os ensaios da bateria e reuniões para estruturar o desfile, como exemplo, os temas das alas, o tipo de suporte e apoio que seria fornecido no dia do desfile. Os temas das alas foram escolhidos pelas crianças e adolescentes. Com as alas definidas, a sede do Instituto Camará se tornou o barracão para a construção das fantasias, adereços e estandartes que compuseram o desfile. Por fim, o bloco saiu pela avenida da orla de São Vicente com apoio de estudantes secundaristas, estudantes universitários, educadores e profissionais de saúde ligados à temática da infância e juventude.

I) Processos de Invisibilização - "Favelados Invisíveis"

O campo de pesquisa permitiu reconhecer os eixos interseccionais de opressão que atravessam a vida dos componentes do bloco EURECA. São crianças e jovens que habitam as periferias de São Vicente, majoritariamente negras. Essa invisibilidade é descrita no trecho do alusivo do samba-enredo de 2020:

"...Alô, somos os desagradáveis; Favelados Invisíveis; Alvo a ser exterminado; Para o Estado descartáveis; Pretos, pobres, os matáveis..." (Samba-enredo EURECA 2020: "Como vocês se atrevem": apagar minha história, limitar minha memória, massacrar nossa nação").

Crianças e jovens vivem experiências que se diferem em relação ao contexto no qual estão inseridos e o território no qual habitam, espaços que também podem caracterizar-se como cenários que os invisibilizam enquanto sujeitos. Para Santos (2000), o território ora é um recurso, controlado por atores hegemônicos, ora é abrigo, o qual pertence os atores hegemônicos. É pelo controle das relações de poder onde as desigualdades se tornam evidentes e os moradores dos territórios percebem as diferenças pela falta ou presença do acesso aos serviços públicos.

Um dos territórios de atuação do Instituto Camará e que foi campo desta pesquisa é o bairro Quarentenário na Área Continental de São Vicente. O trajeto até este território expõe as diferenças que existem no cenário como visto nos diários de campo:

"O transporte que leva até a área continental, era mais precário e da janela do ônibus eu via as dificuldades dos territórios, como ocupações e a falta de

saneamento em um bairro de palafitas. Para chegar no Quarentenário, é necessário atravessar a Ponte dos Barreiros que interliga a área continental e a área insular. Quanto mais atravessava, mais distante estava da minha realidade e dizem que aquela ponte oferece riscos por falta de manutenção. Ao chegar no bairro, era possível ver que a maioria das ruas e vielas não possuíam asfaltos, a água dos encanamentos escoava pelas ruas, as calçadas não eram padronizadas fazendo com que pedestres e carros dividissem a rua. Os moradores do Quarentenário estão distantes de grandes hospitais, da praia, do cinema, da universidade, entre outros." (Diário de campo)

Os territórios periféricos são aqueles que estão escondidos aos nossos olhos, distantes dos grandes centros urbanos, marcados por estigmas. Para tornar alguém ou algo invisível basta projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito, só vemos o que a cultura e a sociedade permitem que se veja. Percebemos ou deixamos de perceber, de acordo com nossos limites, pressões psicológicas, sociais e culturais (Soares et al., 2005).

Quando não enxergamos esses territórios, mas apenas os estigmas, permitimos que a violência aconteça, sem perceber a quantidade de crianças e jovens que são exterminados. De acordo com o DataSUS entre 1990 e 2017 o número de homicídios, na faixa etária de 10 a 19 anos, aumentou o dobro, passando de 5 mil para 11,8 mil casos ao ano (UNICEF, 2019).

Gomes e Laborne (2018) apontam que a periferia e a favela, como locais de moradia, são determinantes para que a violência seja decretada. São as infâncias e as juventudes das favelas as que estão mais vulneráveis a se tornarem vítimas de homicídio e a violência armada. O samba enredo do EURECA 2020 denuncia esse dado quando diz que "a bala que encontra a criança, tem endereço e tem cor para acertar" referindo-se ao racismo vivido nos territórios periféricos.

Gomes e Laborne (2018) explicam que as mortes de jovens negros são atravessadas pelo racismo que persiste desde os tempos coloniais, sendo a justificativa para o extermínio da juventude. Ainda, as autoras enfatizam que o extermínio da juventude negra se esconde através da questão de classe, Estado, da vulnerabilidade e da pobreza.

O direito à vida relaciona-se também com o acesso aos recursos como o espaço, o trabalho, a saúde, a terra, o alimento e a educação. Quando essas possibilidades são negadas, também se nega o direito à vida (Gomes & Laborne, 2018). No processo de formação para as alas do EURECA 2020, os jovens dos territórios de São Vicente criaram uma ala para o desfile e compartilharam qual é o recado que querem deixar na avenida, como relatado no diário de campo:

"O grupo de jovens trouxe a questão da violência, a partir disso surgiu a ala a favela resiste e pensou na teatralidade para encenar a violência, principalmente o contínuo aumento de mortes de crianças e jovens negros. Há várias maneiras de

apagar a história de jovens de periferia, como o aumento do suicídio entre eles, dificuldade de acessar serviços de saúde, entre outros, eles escrevem no papel, as violências que eles sofrem como o racismo, eles colocam "esquecer de toda luta que já teve", referindo as políticas públicas conquistadas com muita luta e muita participação social, teve um processo lento para conquistar e atualmente vemos o desmonte das mesmas, diferente da conquista, o desmonte acontece mais rápido." (Diário de campo)



Figura 1. Processo de construção do desfile 2020.

Crianças e jovens compartilham da experiência de serem silenciados devido sua faixa etária, são vistos como subordinados ao saber do adulto. Os interesses e necessidades das crianças e adolescentes são invisibilizados por uma sociedade adultocêntrica que detêm o saber e legitima a sua dominação através da suposta 'imaturidade' dos mais novos (Castro, 2007).

Castro e Grisolia (2016) revelam que somente a criança e o adolescente podem dizer de si, o que sentem e o que desejam, estando na condição de expressar o ponto de vista singular de sua experiência vivida.

O adultocentrismo pode ser observado, quando não é ensinado a esses sujeitos sobre os seus direitos e quando não são estimulados a expor as suas opiniões. O percussionista entrevistado relata sobre sua experiência com as crianças que fazem parte do EURECA:

"Normalmente as crianças chegam, elas não sabem disso [refere-se às crianças não saberem sobre seus direitos], elas não são ensinadas a aprender sobre os direitos delas, elas sabem que algumas coisas elas podem fazer, mas não sabem que aquilo é direito, elas não sabem o significado da palavra direito, e aí quando a pessoa entra no Camará, a gente sempre fala sobre, sobre os direitos em vários momentos, várias atividades, então as formações são muito importante pra chegar no bloco a pessoa se sentir confortável de poder falar, porque em vários

momentos da vida as crianças não podem falar, porque são coagidas a não falar né "não fala porque você não pode que não sei o que" então elas começam a ficar envergonhada, a não ter vontade..." (Percussionista)

O relato do entrevistado dialoga com Castro (2007) que aponta que a tradução e interpretação dos interesses e necessidades da criança e do jovem, são definidas pelos adultos, que se qualificam como mais experientes. O saber do adulto é mais valorizado e colocado como superior, portanto, crianças são repreendidas, sendo silenciadas quando se sentem injustiçadas e proibidas de se posicionarem diante dos acontecimentos.

A juventude negra enfrenta os desafios proporcionados pela violência desde a infância. Brum (2019) afirma que "determinadas crianças são decodificadas na paisagem urbana como restos", em geral, são negras. Elas não são apenas silenciadas, mas invisibilizadas, essa é a infância na qual são negados os direitos legalmente assegurados e que se tornam ainda mais vulneráveis a todo tipo de violação dos seus direitos sobre o domínio do adulto. Entretanto, Brum (2019) ressalta que a violência contra elas não significa que elas não têm infância:

As crianças das favelas brincam, fantasiam, imaginam, fabulam. As favelas e periferias estão entre os lugares do Brasil onde há maior resistência pela imaginação, pela invenção e pela alegria. Não fosse essa enorme força de vida, haveria um suicídio coletivo, dada a violência que o Estado, as milícias compostas por agentes do Estado e o tráfico infligem no cotidiano da população. (p. 8)

Essa potencialidade descrita por Brum (2019) mostra o quanto crianças são sujeitos que vivem e se fazem presentes, suas inquietações causam barulho e incômodos, ouvi-las significa reconhecê-las como sujeitos políticos, sua força de vida e seu potencial de saber opinar e se expressar sobre as injustiças que vivem na pele. Para Aitken (2014), presença significa mais do que autonomia e individualismo, define o "eu-cidadão" em relação às famílias, às instituições e, também, nas ruas. Além disso, o autor aponta que o direito aos espaços públicos é transformativo, uma vez que abre possibilidades de práticas políticas para crianças e jovens, fortalecendo-os.

Assim, observa-se que o processo formativo do bloco apresenta essa potência: possibilitar que a criança e o adolescente se tornem um "eu-cidadão", no dia a dia de seus territórios. Através de um mergulho na vida cotidiana e na busca nela mesma de práticas emancipatórias reais é que se afirma o potencial que essas existências já têm (Oliveira & Sgarbi, 2008). As práticas emancipatórias surgem das relações sociais, das forças criativas, das vozes e brincadeiras das crianças e adolescentes e da ocupação dos espaços públicos, principalmente quando o bloco vai para rua e essa desinvisibilização se torna ainda mais potencializada.

II) Processos de Desinvisibilização - "Escuta, a pirralhada aqui resiste"

O EURECA permite que se verbalize a expressão "Eu reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente", quando essas palavras ressoam para um adulto, é um lembrete para legitimar e dar o suporte para o protagonismo das crianças e adolescentes e, também, um comprometimento na garantia dos seus direitos. Já para as crianças, é um lembrete que devem sempre se apropriar de seu lugar de sujeito de direitos.

O ECA garante como direitos fundamentais o direito à liberdade, respeito e dignidade, respectivos, ART. 16, ART. 17 e ART. 18 (Lei 8069, 1990). O direito à liberdade corresponde aos seguintes aspectos: ir, vir e estar nos espaços públicos e comunitários; opinião e expressão; brincar, praticar esportes e divertir-se; participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; entre outros (Lei 8069, 1990). Crianças e adolescentes se apropriam do direito à liberdade ao ocupar as ruas todos os anos através do bloco carnavalesco EURECA.

Se por um lado, existe uma hegemonia que invisibiliza, por outro temos o exemplo de um bloco de carnaval que busca desinvisibilizar as crianças e jovens negros de periferias, construindo uma luta lúdica, onde crianças podem expressar seu potencial. O lúdico, as artes e a cultura são vias de expressão e manifestação durante todo o processo do bloco carnavalesco, como pode ser visto no diário de campo e na descrição do percussionista sobre o que é o EURECA:

"Tudo funcionava de maneira lúdica, eram danças e brincadeiras que seguiam o ritmo da percussão. Se a música parava, logo os corpos paravam, a percussão impulsionava todos que faziam parte da mobilização andar os 5km da orla da Praia do Gonzaguinha em São Vicente. Em uma outra roda, adolescentes cirandavam e faziam alguns passos de funk representando a cultura que existe nas periferias."
(Diário de campo)

"Diversão e garantia de direitos em um único momento, então a gente se diverte e garante nossos direitos e consegue falar isso para as pessoas, sabe?"
(Percussionista)

O campo da arte presente na experiência carnavalesca está indissociavelmente ligado ao direito à liberdade e à cultura. Segundo Lima (2018) as criações feitas pelas atividades artísticas, como a dança, a música e o teatro compartilham com os produtos da política, as palavras e as ações, são produtos que precisam do espaço público para aparecer no mundo comum. Lima (2018) acrescenta que a cultura emerge através da relação formada entre arte e política, indicando domínio público. A arte requer presença e participação ativa de todos, logo é o "lugar para ação, para o início, para a criação, lugar onde podem ocorrer os encontros e se estabelecer uma rede de relações" (Lima, 2018, p. 265).

Para escutar as vozes que as crianças já possuem, é necessário deixar-se levar por outras linguagens e expressões. As assembleias proporcionadas pela instituição estabelecem uma rede de relações e propõem um lugar de saberes horizontais que abre espaço para crianças se expressarem livremente, respeitando o direito à liberdade (Lei 8069, 1990) referente ao direito de opinião e expressão.

Segundo Aquino (2015) é necessário reconhecer crianças com suas capacidades completas, independente de sua faixa etária, sujeitos capazes de participar dos interesses e necessidades próprias e comuns. Para o autor, não é por conta da faixa etária, de estar em desenvolvimento, que são incapazes de entender, decidir, escolher, pensar, opinar sobre o que poderia ser bom ou ruim, possível ou inapropriado para elas. Por essa razão, as assembleias comunitárias se tornam um espaço onde as crianças compartilham com liberdade suas experiências cotidianas e sentimentos, uma vez que é reconhecido seu lugar de fala. Em alguns fragmentos dos diários de campo, é possível ver a assembleia como um espaço seguro de acolhimento para crianças e adolescentes falarem sobre assuntos que repercutem no seu dia a dia:

"A menina V. conta que fica preocupada com o futuro, ela diz que falar sobre o futuro é recorrente entre seus amigos, e eles ficam tristes e preocupados com o mesmo." (Diário de campo)

"As palavras que saem do A. parecem navalhas para um menino de 8 anos, palavrões, fome e violência aparecem em sua fala acelerada." (Diário de campo)

"O momento que o I. falava dava uma leveza para a assembleia. Deve ser porque ele, por ser uma criança de 6 anos, dava sua opinião de forma muito mais inteligente e clara do que muito adulto por aí, mostrava-se injustiçado e se perguntava por que as pessoas não se preocupavam com o meio ambiente e com a violência presente nas falas dos jovens e crianças que participavam da roda daquela assembleia." (Diário de campo)

Outra criança, movida pela curiosidade, típica de sua faixa etária, nota a violência:

"R. diz que ouviu um som de tiro, ela gosta de "curiá" e foi olhar o que era. No dia seguinte, ela diz ter visto um corpo na vala." (Diário de campo)

As assembleias comunitárias servem ainda como estímulo para crianças e adolescentes desempenharem seu papel político, reconhecendo-os como sujeitos de direitos, por isso é um espaço de apoio, acolhimento e de escuta das demandas, que muitas vezes se apresentam como comuns ao coletivo. São os interesses comuns que unem as crianças dos territórios de São Vicente, considerando que elas têm muito a dizer e são as responsáveis por decidir qual história será contada no desfile carnavalesco.

É a partir de todo o estímulo e acolhimento das assembleias que as crianças pensam nas possibilidades de sua ala para EURECA 2020:

"Elas explicaram sua ideia com um grito de guerra "PIRRALHADA, PIRRALHADA" fazendo referência ao fato da Greta Thunberg ter sido chamada de pirralha com o objetivo de silenciá-la. As crianças contam as suas narrativas como a ausência paterna, a morte do irmão e mostram seus desenhos com árvores, grama, pessoas de mãos dadas e unidas." (Diário de campo)

Para sustentar essa rede de apoio formada por crianças, adolescentes, jovens e profissionais envolvidos no cuidado da infância e adolescência, é imprescindível fortalecer os vínculos e afetos e conhecer tudo que envolve o dia a dia das crianças e jovens em seus territórios, assim Gorgatti (2017) relata, as ações do Instituto Camará são marcadas pela ocupação dos espaços públicos tendo como foco a garantia dos direitos das crianças e adolescentes a fim de incluir e integrar tudo que está conectado a eles, tanto os familiares quanto os moradores do bairro. Tanto a participação e presença dos familiares quanto a apropriação do espaço público foi observada em trechos do diário de campo:

"Os pais de algumas crianças estavam no ensaio da bateria e dançaram juntos, e foi muito bom e importante para muitos que fazem parte da bateria. A presença da família foi um elemento importante desse ensaio." (Diário de campo)

"Crianças brincavam ao redor da roda de conversa que acontecia na escola municipal do Quarentenário, um rapaz trouxe um violão e alguns jovens cantavam junto. Lá fora da escola, era possível ouvir um jogo de futebol acontecendo e a bola batendo no chão e nos cantos das paredes." (Diário de campo)

Santos (2000) utiliza o conceito de território usado como uma estrutura composta de movimento próprio. O território usado é o "sentimento de pertencer àquilo que nos pertence" (Santos, 2000, p. 47) composto pela identidade sociocultural, caracterizada pelos vínculos de pertencimento do espaço habitado entre os moradores. As redes formadas dentro dos territórios compõem um coletivo que favorece o processo de desinvisibilização. A entrevista com o percussionista do EURECA e o diário da pesquisadora, mostram a importância do coletivo tanto no apoio na apropriação dos seus direitos, na garantia para que elas falem suas experiências e não sejam silenciadas, quanto para o fortalecimento do interesse comum.

"O coletivo tá ali junto pra apoiar então, a criança fala sem medo, o adolescente fala sem medo, porque ela sabe que vai ter um apoio, ela sabe que não tá errada, ela tá certa e se alguém vir dizer que ela tá errada, ela vai ter um apoio." (Percussionista)

"A luta só acontece coletivamente, foi possível unir pessoas com diferentes visões de mundo com interesse que é comum a todos. É com muita cor e muita

brincadeira que se deixa um recado para ressoar naqueles que estão de fora e para quem está dentro que se apropriam dos seus direitos, fortalecem a si e a luta coletiva." (Diário de campo)

Para Prado e Tonelli (2013) os sujeitos individuais ou coletivos possuem diante de si um campo de possibilidade onde diversas ações e diversas reações podem acontecer. As redes buscam visibilizar as demandas coletivas, que, primeiramente passam por um processo de superação das amarras:

"Estamos todos acorrentados, foi o que ouvi na assembleia, são correntes que estamos todos presos no dia a dia: o trabalho, a escola, a falta de vontade e de desejo, as distrações, os nossos medos, entre outras. Estamos tão acorrentados que é difícil se mobilizar por uma única causa, são muitas as causas, a fome e a falta de acesso à cultura, à educação, à saúde. Naquele espaço coletivo atravessado de tantas narrativas aparecem o medo, a desesperança, a tristeza." (Diário de campo)

O EURECA é uma estratégia de mobilização social que se utiliza da apropriação do direito à liberdade de ir e vir nos espaços públicos (Lei 8069, 1990) para sair às ruas e lutar pelo restante dos direitos fundamentais garantido pelo ECA, provocando uma suspensão do cotidiano sem se distanciar do mesmo, pois o carnaval serve como meio de mostrar as adversidades e potencialidades presentes na vida das crianças e adolescentes. O EURECA traz um impacto diferente para quem compõe e vive o processo do bloco carnavalesco e para quem acompanha o desfile de fora. O percussionista esclarece como o bloco repercute nas crianças e adolescentes que participam:

"Ele afeta mais aqueles que estão envolvidos na formação dele, aquelas pessoas que estão ajudando a construir, as pessoas de fora vê um bloco de carnaval, elas vê a luta dos nossos direitos, porque a gente sobe no carro alegórico fala, fala no microfone, mas para quem participa do Camará afeta mais quem tá ali junto nos processos afeta ainda mais porque no EURECA a gente fala sobre os direitos das crianças e adolescentes, elas têm uma liberdade maior elas, sobe no palco e fala com vontade. Elas têm aquela vontade, elas falam "eu vou falar", "eu tô indo lá pra falar" "eu quero falar" elas chegam e grita "eu sou a pirralhada que resiste" e vai falando sobre tudo que tem direito, eu tenho direito de brincar, eu tenho direito a uma educação boa. Eu acho que isso transforma, de uma criança que não entendia nada, não sabia de nada e chega e fala eu tenho direito disso, eu tenho direito a ter aula "como eu não vou ter aula eu tenho direito a uma educação boa", "porque você tá gritando comigo"." (Percussionista)

Nota-se o quanto o desfile do bloco EURECA proporciona uma experiência de protagonismo e resistência para crianças. O percussionista entrevistado relata uma cena a qual crianças são protagonistas de sua

própria luta por direitos:

"O ano passado a gente teve mestre sala e porta bandeira só que eram dois adultos, esse ano, a gente teve também só que foi duas crianças na verdade, foi dois adolescentes e aí eles se vestiram com roupas de mestre sala e porta bandeira com a pegada mais africana, sabe. Aí quando começa o samba-enredo, eu tô lá na bateria e eu vejo eles dançando, foi um momento que eu fiquei muito emocionado, na hora foi algo que me veio na cabeça crianças negras periféricas que estão ali sabe, brilhando com todo seu empoderamento, toda sua força de vontade e tão vivas sabe, aí você pega o trecho do samba-enredo que fala sobre "a bala que encontra a criança tem endereço e cor para marcar" e você vê aquelas duas crianças ali cantando vestidas daquela maneira, foi uma cena esse ano que me tocou muito e ver eles cantando com toda vontade, eles ali dançando se vestiram sendo duas crianças negras, periféricas que estão vivas e lutam a cada dia pra que tenham uma vida digna né, tenham uma vida da melhor forma possível, eu acho que transforma nesse sentido, de estar ali junto, participando junto das formações de todos os momentos, pra você chegar no EURECA, e pode falar não só no EURECA, mas numa sala de aula, na rua, dentro de casa, também, acho que muda muito o comportamento das crianças dentro de casa também."
(Percussionista)

No trecho da entrevista constata-se a interação dos eixos da interseccionalidade: raça, faixa etária e classe social. Estes vetores atravessam a vida das crianças negras e periféricas que lutam pelo direito à vida, pelo direito ao respeito e dignidade. Estas condições e problemáticas constroem e explicitam um certo cotidiano singular, que definem modos de olhar, pensar e agir com e na relação com esta população. O entrevistado traz ainda alguns aspectos a respeito das ressonâncias do bloco no cotidiano das crianças, há um processo de empoderamento, de desinvisibilização, um movimento de existir nos territórios, na rua, no mundo. Muitas delas ativam sua voz e mudam seu comportamento, inclusive em outros espaços que frequentam: na escola, na rua, dentro de casa. É no cotidiano que ocorre a transformação de si e do mundo e a visibilização das diferenças (Galheigo, 2020).

O processo de formação e construção do bloco carnavalesco EURECA destaca uma produção voltada para as práticas emancipatórias possíveis no cotidiano e na produção da memória coletiva a partir das experiências individuais das infâncias e juventudes brasileiras, servindo de "filtro seletivo que reconstrói as memórias com base naquilo que é necessário no momento" (Zorn, 2010, p. 24 como citado em Aitken, 2014, p. 684). São as "cenas do dia a dia que servem de testemunho de um espaço-tempo moldado pela cultura, pelas histórias de vida e pelas relações sociais" (Galheigo, 2020, p. 7), tornando-se também fator da construção da memória coletiva. Esta memória coletiva que também está no "momento presente" faz surgir o enredo "Como vocês se atrevem?": Apagar minha história, limitar minha memória, massacrar nossa nação.

"Um pesquisador conta que a letra do samba-enredo é um resumo do que é o EURECA durante todos esses anos, foi a letra que melhor descreveu a história do bloco carnavalesco." (Diário de campo)

"Como vocês se atrevem? Apagar minha história; Limitar minha memória; Massacrar nossa nação. Escuta, a pirralhada aqui resiste; É brincante, não só triste. Aqui tem luta e imaginação; Pra todo lado que se olha só se vê destruição. É fogo, é óleo, é lama. Cada vida nessa trama acaba sem explicação.

O bloco EURECA vem pra rua e chega pra denunciar: a bala que encontra a criança tem endereço e tem cor para acertar.

A quebrada tá presente e tem muito a ensinar. Curte nas adversidades; Tira onda de verdade. A força vem desse lugar." (Samba-enredo EURECA 2020: "Como vocês se atrevem": apagar minha história, limitar minha memória, massacrar nossa nação")

Alguns fragmentos do diário de campo descrevem a saída do bloco na rua:

"Seguimos pela avenida cantando o samba-enredo, mais de 50 percussionistas, coletivos da baixada santistas, movimento estudantil, estudantes, educadores, sociedade no geral estavam participando e apoiando a mobilização pela luta dos direitos, a rua estava tomada e era na rua que tínhamos que estar pois um educador, olhou para mim e a L. na calçada e disse "Nada disso, vocês são parte do bloco, vem para a rua". Estávamos eu e ela no grupo de apoio, fornecendo água para ala da pirralhada e para comissão de frente. A pirralhada estava brincando de fato, com palmas, cochichos, dispersão, interação, grito de guerra, cantando, dançando. Lembro-me das palavras do educador do Camará que se refere ao desfile como uma tragédia brincante na Avenida da praia, o caráter lúdico passa uma mensagem séria da falta de garantia dos direitos. Um ato simbólico aconteceu que foi comer banana durante o desfile, onde tudo tinha significado, crianças têm direito a alimentação. Existem diversas possibilidades de transmitir uma mensagem e aqui foi transmitida através do EURECA que dá a oportunidade de uma vez ao ano, crianças e jovens serem protagonistas de sua luta e do que querem para si." (Diário de campo)

Ocupando a orla de São Vicente, crianças e adolescentes com apoio dos adultos que contribuem e auxiliam no processo de formação do EURECA, estão atrás do reconhecimento das "presenças" invisíveis nas infâncias e juventudes. Aitken (2014) aponta que ao reconhecer crianças e adolescentes como sujeitos políticos ocorre um chamado para a ação, para o movimento, para a força social, em direção aos direitos e reparações. Reconhecer significa fornecer às crianças o papel delas como agentes políticos

cujas vidas estão fundadas em um tipo específico de espaço urbano vivido (Aitken, 2014). Quando o bloco sai na rua, elementos que se contrapõem com o território invisibilizado marcado por estigmas, ficam evidentes, é a força de vida, da arte, da cultura e da rede tecida entre as pessoas que habitam os territórios periféricos de São Vicente.

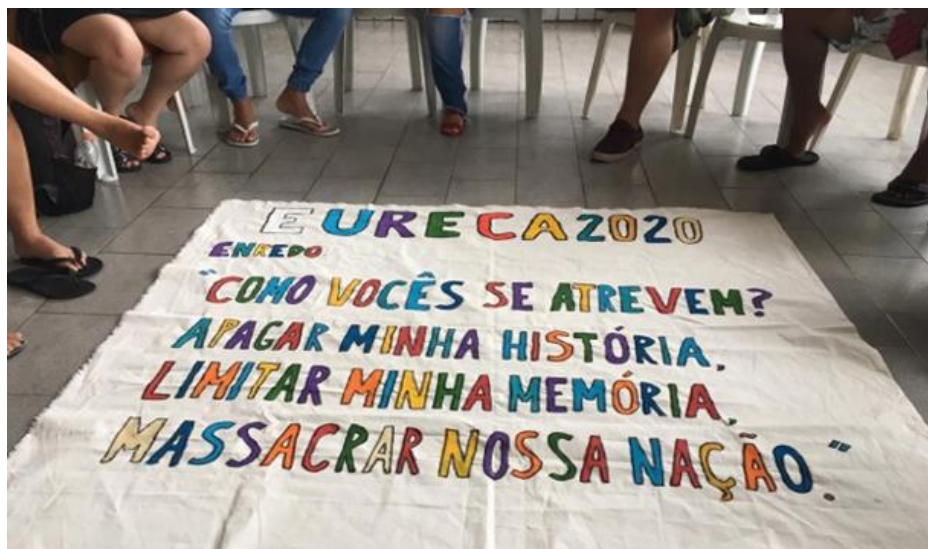


Figura 2. Enredo EURECA 2020

Para o EURECA 2020 acontecer foram necessários ensaios brincantes e percussivos, barracão, composição, diálogos e articulações. Mas cabe dizer, que o verdadeiro fio que levou ao acontecimento do desfile é a forma como todos se conectaram. Para Garcia et al. (2017), no território acontecem "as redes vivas de relações e trocas entre pessoas, intenções, corpos e lugares". São essas redes vivas que permitiram que pudesse enxergar crianças e adolescentes para além, do sujeito em desenvolvimento, mas como um sujeito pleno, sujeito de direitos. Por fim, "Toda criança tem direito de ver uma estrela cadente":

"Assim como as estrelas que brilham, crianças nasceram para brilhar, um exemplo são as crianças presentes na Avenida Sapopemba que dançam, cantam, brincam, falam sem muito arroudeios, expressam suas subjetividades, encontram um espaço onde suas palavras não são silenciadas, tudo é levado em consideração, estão ali para intensificar seu brilho através dos seus direitos básicos, pela expressão e pelo direito à vida, lutando para que não as ofusquem, não tirem seu brilho." (Diário de campo)



Figura 3. Toda criança tem direito de ver uma estrela cadente.

4. Conclusões

O objetivo da pesquisa foi investigar os processos de invisibilização e desinvisibilização das infâncias e juventudes a partir da experiência do bloco carnavalesco EURECA. Esta experiência pode ser considerada como um ato político, uma luta lúdica, palco da luta pelos direitos das crianças e adolescentes assegurados pelo ECA. O Estatuto da Criança e do Adolescente fez 30 anos no ano de 2020 e o EURECA ocupa as ruas do estado de São Paulo desde 1992 mostrando que a luta pela garantia dos direitos continua.

Primeiramente, a partir da experiência com o bloco carnavalesco observa-se que os processos de invisibilização e desinvisibilização estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes e nas ações e acontecimentos do Bloco EURECA. No carnaval, a partir das ações realizadas pelo Instituto Camará este cotidiano, muitas vezes atravessado por eixos de subordinação, opressão e violência tornou-se tema central e ganhou visibilidade, o que permite à população uma aproximação com as realidades sociais vivenciadas por estes jovens e crianças silenciadas em seu dia a dia. Neste bloco é possível que crianças e adolescentes mostrem a sua força, alegria e a sua potência artística e expressiva. O EURECA é uma estratégia de mobilização social que considera os múltiplos "presentes" tornados invisíveis, neste caso as infâncias e juventudes invisíveis, que pela sua classe, raça, faixa etária e gênero são deslegitimadas pelos sistemas discriminatórios de opressão.

Entretanto, é visível também as potências que emergem diante das impotências, que atravessam a realidade dos integrantes do bloco. Os territórios de atuação do Instituto Camará Calunga, são territórios

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 3(5), 285-305, 2021.

marcados por estigmas, pelo racismo e questões de classe social, ao mesmo tempo é um território vivo das potências coletivas que sustentam a mobilização por meio das assembleias, dos vínculos e dos afetos, nas quais crianças e adolescentes são reconhecidos como sujeitos de direitos e nos ensinam, ocupando seu lugar no jogo de trocas sociais. Percebe-se a importância das ações nos territórios e ocupação dos espaços públicos, como diz o samba-enredo a "a força vem desse lugar", do território habitado que produz sujeitos políticos que se movimentam e que também são multiplicadores de práticas emancipatórias.

A partir desta experiência, podemos dizer que as questões levantadas aqui se repetem nas realidades vividas em outras partes de nosso país e é nossa responsabilidade e dever, garantir os direitos das crianças e adolescentes, escutar suas vozes, as suas manifestações, afirmando "a pirralhada aqui resiste" e mostrando que a luta pelos direitos ainda continua.

Referências

- Aitken, S. (2014). Do Apagamento à Revolução: o direito da criança à cidadania/direito à cidade. *Educação & Sociedade*, 35(128), 675-698. <https://doi.org/10.1590/ES0101-7330201435128128621>
- Aquino, J. G. (2015). A infância como solidão: mutações da experiência educacional contemporânea. *Educação & Sociedade*, 36, 427-444. <http://doi.org/10.1590/es0101-7330201513295>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo: edição revista e ampliada*. Edições 70.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. 2(1), 68-80.
- Brum, E. (2019, 27 setembro). *Como vocês se atrevem? Greta Thunberg e Ágatha Félix: as infâncias morrem junto com as democracias*. El País. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/26/opinion/1569507094_579592.html.
- Castro, L. R. (2007). A politização (necessária) do campo da infância e da adolescência. *Revista Psicologia Política*, 7(14).
- Castro, L. R. & Grisolia, F. S. (2016). Subjetivação pública ou socialização política? sobre as articulações entre o "político" e a infância. *Educação & Sociedade*, 37(137). <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302016167363>
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

Fernandes, C. O. (2016). *Bloco EURECA: uma marca para a educação social*. Dissertação de mestrado. Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). (2019). *30 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança: avanços e desafios para meninas e meninos no Brasil*. UNICEF.

Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 5-25. Epub March 02, 2020. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao2590>

Garcia, M. L., Costa, S. L., & Mendes, R. (2016). Memória, território e comunidade: extensão universitária na escola de samba X9 – Santos, São Paulo. *Revista Ciência em Extensão*. 12(3), 105-117.

Gomes, N. L., & Laborne, A. A. P. (2018). Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *Educação em Revista*, 34, e197406. Epub 23 de novembro de 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>

Gorgatti, V. (2017). *Marcas de experiências no trabalho socioeducativo: Narrativas camaradas da formação profissional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, São Paulo.

Henz, A. O., & Casetto, S. J. (2013). Orientações para o trabalho de campo. In: Capozzolo, A. A., Casetto, S. J., & Henz, A. O. *Clínica Comum: Itinerários de uma formação em Saúde* (282-289). Hucitec.

Instituto Camará Calunga. *EURECA*. Recuperado em 19 de novembro de 2020. <https://camaracalunga.com/eureca/>.

Lei no 8.069. (1990, 13 de julho). Brasil. *Dispõe sobre a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília. Recuperado em 16 de fevereiro de 2021. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

Lima, E. M. F. A. (2018). *Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt*. Tese de Livre Docência, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo. <http://doi.org/10.11606/T.5.2018.tde-05022018-084711>.

Oliveira, I. B., & Sgarbi, P. (2008). *Estudos do cotidiano & Educação*. Autêntica Editora.

Pais, J. M. (1993). Nas rotas do cotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (37), 105-115.

- Pais, J. M., Lacerda, M. P. C., & Oliveira, V. H. N. (2017). Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação - uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, (64), 301-313. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50119>
- Piovesan, A., & Temporini, E. R. (1995). Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, 29(4), 318-325. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000400010>
- Prado, M. A. M., & Toneli, M. J. F. (2013). Política e sujeitos coletivos: entre consensos e desacordos. *Estudos de Psicologia (Natal)*. 18(2), 351-357. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000200022>
- Queiroz, D.T., Vall, J., Souza, A. M. A., & Vieira, N. F. C. (2007). Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista de enfermagem UERJ*. 15(2), 276-283.
- Santos, B. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (63), 237-280. <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Record.
- Soares, L. E., Bill, M. V., & Athayde, C. (2005). *Cabeça de Porco*. Objetiva.
- Tavares, F. M. M., & Veloso, E. R. (2016). Quando o carnaval chegou: ativismo político no anverso histórico do Homo ludens. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (64), 224-248. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p224-248>
- Zorn, J. (2010). *Registered as workers, erased as non-Slovenes: The transition period from the perspective of erased people*. In: Kogovšek, N., Zorn, J., Pistotnik, S., Čebren, U. L., Bajt, V., Petković, B., & Zdravković, L. (Orgs). *The Scars of the Erasure* (19-46).

Contribuição dos autores: Y. M. P. foi responsável pela elaboração e execução da pesquisa, análise dos dados e redação do manuscrito; B. R. M. foi responsável pela orientação, concepção do texto, análise dos resultados e revisão final do manuscrito; F. L. foi responsável pela elaboração e orientação da pesquisa, análise dos resultados e revisão final do texto.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 02/05/2021

Publicado em: 02/08/2021

Editor(a): Ricardo Lopes Correia